SERRA-PILAR

18 fevereiro 2018 | ano 43 | quaresma 1 | 2050

Viver a Quaresma

Quaresma. Ouvir Deus dizer: "Estou à porta e bato". **Quaresma.** Inaugurar caminhos no conhecido e no comum. Escutar o Reino a crescer. Dividir a vida, porque só assim ela se multiplica. **Quaresma.** CONFIAR. Retomar. Unir. **70X7.** Aceitar. Cruz e Ressurreição. **Olhar para longe.** IR AO ENCONTRO DOS ÚLTIMOS. Escrever: "nenhum coração é uma ilha". **Quaresma.** Escutar mais uma vez. **Ter tempo para o outro.** **APAGAR SOLIDÕES E MEDOS.** Fixar-se no extraordinário convite para partilhar o Pão e o Vinho. *Começar a conversa difícil com um sorriso.* **Quaresma.** Perdoar. Repartir. **Respeitar o ponto de vista do outro.** Contar uma história. Enxugar uma lágrima. ENCORAJAR. **Quaresma.** **Celebrar tudo num gesto.** *Descobrir: a Páscoa é também um modo de ser.* De viver. **Recordar**. Esquecer. **Construir.** Viver cada dia, este dia como se a vida inteira o tivéssemos esperado. **Quaresma.** *E a Páscoa tão perto.*

quaresma

Vem do latim, *quadragesima dies* (o dia quadragésimo, antes da Páscoa). É o tempo de preparação «pelo qual se sobe ao monte santo da Páscoa», como o descreve o Cerimonial dos Bispos (CB 249). Começa em Quarta-Feira de Cinzas e termina pela tarde de Quinta-Feira Santa, antes da Missa Vespertina da Ceia do Senhor, com que se inaugura o Tríduo Pascal.

A Quaresma organizou-se a partir do século IV. A sua história anterior não é muito clara. Parece que o seu gérmen original foi o jejum pascal de dois dias, na Sexta e no Sábado antes do Domingo da Ressurreição, espaço que, a pouco e pouco, se alargou a uma semana, depois a três e, segundo as diversas regiões, sobretudo nas do Oriente, como o Egipto, até às seis semanas ou quarenta dias. Em Roma, a Quaresma já estava constituída, entre os anos 350 e 380.

Para dar sentido a este período, como preparação da Páscoa, teve certamente grande influência o simbolismo bíblico do número quarenta: os episódios de quarenta dias do dilúvio, antes da aliança com Noé; de Moisés e os seus quarenta dias no monte; do Povo de Israel e os seus quarenta anos pelo deserto; de Elias caminhando quarenta dias para o monte do encontro com Deus; e, sobretudo, os quarenta dias de Jesus no deserto, antes de começar a sua missão messiânica. Estes episódios têm em comum o significado de um tempo de prova, de purificação e de preparação para um acontecimento importante e salvador. «Todos os anos, pelos quarenta dias da Grande Quaresma, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto» (CIC 540).

A Quaresma começava originariamente no Domingo. Mas, mais tarde – séculos VI-VII – acentuou-se como característica determinante o jejum, e como, aos domingos, não se jejuava, adiantou-se o seu início para a quarta- -feira anterior ao primeiro domingo, a que de imediato se chamou «de Cinzas», para que a Páscoa fosse precedida de quarenta dias de jejum efetivo. E, ainda se foi antecipando mais a preparação com os Domingos da Quinquagésima, Sexagésima e Septuagésima, que, na última reforma, foram suprimidos.

Na Liturgia hispano-moçárabe, a Quaresma começa no primeiro domingo com uma festiva despedida do Aleluia. A segunda parte, que começa no terceiro domingo, recebe o nome de «De Traditione» (a Paixão).

Neste contexto de Quaresma, tinha lugar a última etapa do catecumenado: os que se preparavam para serem batizados, na Noite Pascal, tinham, nestas semanas anteriores, reuniões de oração, escrutínios e exorcismos.

O Concílio Vaticano II determinou expressamente que se acentuasse o carácter batismal e penitencial da Quaresma, «sobretudo através da recordação ou da preparação para o Batismo e através da Penitência, dispõe os fiéis, que com mais frequência ouvem a Palavra de Deus e se entregam à oração, para a

celebração do Mistério Pascal» (SC 109). Agora «a liturgia quaresmal prepara para a celebração do Mistério Pascal tanto os catecúmenos, através dos diversos graus da iniciação cristã, como os fiéis, por meio da recordação do Batismo e das práticas de penitência» (NG 27).

A nova ordenação do Calendário (cf. NG, de 1969) preferiu não situar o início da Quaresma no primeiro domingo, que parecia o mais lógico, pelo enraizamento que, ao longo dos séculos, tomou a Quarta-Feira de Cinzas.

As seis semanas da Quaresma dividem-se em três etapas, marcadas pelos Evangelhos correspondentes: os dois primeiros domingos, com as tentações e a transfiguração do Senhor; os três seguintes, com as catequeses batismais da samaritana (água), do cego (luz) e Lázaro (vida), próprias do ciclo A, mas que se podem seguir cada ano, embora haja outra série de leituras para cada ciclo; e, finalmente, o domingo sexto, chamado de Ramos ou da Paixão, que inaugura a Semana Santa.

Também as primeiras leituras destes domingos têm uma organização interior que dá um sentido especial à Quaresma, sobretudo no ciclo A. São seis momentos significativos da História da Salvação: a criação do mundo, Abraão, o Êxodo e Moisés, o rei David, os profetas e o Servo de Javé. Tudo isso ajuda a entender a Quaresma como um caminho de crescente preparação para a celebração da Páscoa.

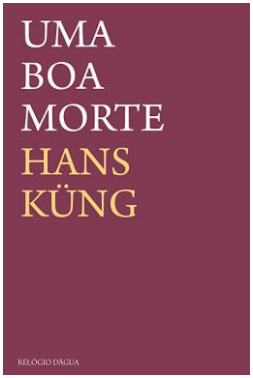
As características ambientais e celebrativas da Quaresma, já desde há séculos, são a ausência do Aleluia nos cânticos, a austeridade na ornamentação do espaço celebrativo (sem flores nem música instrumental), a cor roxa dos paramentos do sacerdote (menos no quarto domingo, «Lætare», em que se pode usar a cor rosa); os escrutínios catecumenais (o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos coloca o rito de «eleição» para a última etapa catecumenal, no primeiro domingo da Quaresma e, a partir daí, várias reuniões de escrutínios); as missas estacionais, à volta do próprio bispo, originadas em Roma mas recomendadas para as outras igrejas em que pareçam convenientes; o exercício da via-sacra; a «confissão pascal», a celebração do sacramento da Reconciliação, como preparação imediata para a Páscoa…

Uma boa motivação e descrição da Quaresma e sua pastoral é a que nos proporciona a Carta sobre as Festas Pascais, do ano de 1988 (CFP 6-26: EDREL 3116-3136).

JOSÉ ALDAZÁBAL

Dicionário elementar de liturgia

http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=361



Neste livro, Hans Küng, o teólogo 'rebelde', reflete sobre a morte assistida e sobre o fim da vida: "Não se trata de um acabar nem, muito menos, de um perecer, mas de um consumar"

UMA BOA MORTE Hans Küng Relógio D'Água, 2017, trad. de Miguel Serras Pereira, 136 págs., €16

a doutrina e a prática

A Igreja Católica tem uma posição liminar contra a eutanásia. Dar e tirar a vida compete a Deus, não ao homem (embora, quanto ao primeiro desses atos, alguns pais não reparem que são instrumentos Dele). Teólogo 'rebelde', Hans Küng contesta dogmas oficiais há muito tempo. Em parte por influência de um seu antigo colega docente, Joseph Ratzinger, João Paulo II proibiu-o de ensinar teologia em 1979. Ele continuou a refletir e a publicar o que pensa.

Além de questões que têm especificamente que ver com o catolicismo, empenhou-se na criação de uma ética comum a todas as religiões — a chamada *Welthetos.* No presente livro, onde refresca ideias já antes apresentadas, usa o termo 'humanitarismo', que adquiriu certa reputação de vaguidade, como aliás a noção de religião esclarecida, também favorecida por Küng. Podia de facto ser vago, mas ele sabe do que está a falar. Numa área que nada tem de simples, invoca abertamente experiências pessoais dramáticas.

A morte de um irmão nos anos 50, vítima de tumor cerebral, foi fundamental no

desenvolvimento da sua atitude em relação à morte assistida. Após uma longa agonia, Georg morreu asfixiado por acumulação de líquido nos pulmões, e Küng pergunta: "Vendo bem as coisas, seria necessário que fosse assim? (…) É uma questão sobre a qual, desde então, me tenho interrogado. Ninguém tem o dever de tolerar um sofrimento semelhante até ao final, como se fosse uma coisa cuja necessidade tivesse sido estabelecida enquanto 'querida por Deus', 'agradável a Deus' ou 'enviada por Deus'. E esta convicção foi-se consolidando em mim com o passar das décadas. Acompanhada por outra: não quero morrer como o meu irmão, seja como for. E também não quero que outras pessoas tenham de morrer assim".

Outra experiência-chave foi o convívio com um amigo que sofreu de demência durante mais de dez anos. Küng nota os limites da imaginação humana sobre esses casos: "Nem sequer os filmes mais recentes sobre doentes se atrevem (o que é digno de louvor) a mostrar as consequências mais terríveis da enfermidade." Ele próprio já viu o suficiente para se orientar no pormenor essencial do momento em que eventualmente tomará a decisão de acabar com a vida. Será quando a demência chegar. Recusa sofrer desnecessariamente ou ficar numa situação em que só lhe reste atirar-se de uma janela de hospital. O ato final poderá acontecer em qualquer das suas duas residências (dois lugares "muito bonitos", garante).

O nome disto é serenidade, e é um excelente argumento a favor das posições de Küng. Mas, conforme atrás se notou, o assunto não tem nada de simples. Os debates sobre a morte assistida costumam levantar muito mais perguntas do que as que resolvem. Em última análise, é uma daquelas questões cuja única resposta está na decisão que cada indivíduo toma, embora tudo o que Küng diz soe razoável, e as suas observações sobre a compatibilidade da eutanásia com os avanços da medicina paliativa e sobre a necessidade de fortalecer a segurança jurídica na matéria, bem como as referências a passagens na Bíblia que parecem traduzir uma visão positiva de certos suicídios, forneçam elementos importantes a ter em conta.

A outro nível, há as considerações teológicas. Küng fala da fé na vida eterna como corolário de uma fé racional em Deus. E a respeito da morte, diz: "A vida transforma-se, não nos é tirada (…) Não se trata de um acabar nem, muito menos, de um perecer, mas de um consumar: a pessoa finita entra no infinito".

Luís M. Faria

Jornal Expresso Semanário nº 2357, 30 de Dezembro de 2017
http://leitor.expresso.pt/#library/expresso/semanario2357/revista-e/culturas/a-doutrina-e-a-pratica

«Aprendamos a chorar... se não aprenderdes a chorar, não podeis ser bons cristãos!». Papa Francisco

Uma mulher a chorar (det.) | Rembrandt

elogio das lágrimas

Ao recordar alguns acontecimentos ou ensinamentos recebidos na minha juventude, sou assolado pelo sentimento de ter vivido uma vida num mundo que não só deixou de existir, como me surge hoje como estranho, se não inverosímil. Assim nestes dias quaresmais, regressa à minha mente como então era frequenta a oração para obter o dom das lágrimas: sim, sim, orava-se para chorar! Hoje, pelo contrário, não vemos facilmente as pessoas chorar, porque as lágrimas são consideradas como um sinal de fragilidade, algo de que se envergonhar, que em todo o caso não é mostrado por ser julgado coisa de crianças ou de mulheres: os adultos sabem dominar as lágrimas e têm o dever de viver e comportar-se "siccis oculis", com os olhos secos.

Na realidade, homens e mulheres continuam a chorar e não acredito em quantos afirmam que as lágrimas são frequentes apenas em algumas épocas, como o Romantismo: talvez seja verdade que as artes, a pintura, a música não o testemunham em todos os tempos, mas o coração humano sabe chorar sempre. É certo que, na medida em que reduz o bem ao bem-estar e o mal ao mal-estar, muitos se esforçam por evitar cuidadosamente a possibilidade do sofrimento, até o eliminar e negar: consequentemente não se "deixam andar" a chorar, sobretudo em frente aos outros, todavia por vezes também conhecem o pranto e como ele se impõe.

As lágrimas são uma expressão do nosso corpo, ou melhor, dos nossos sentidos, sobretudo desse sexto sentido de que os seres humanos são providos: esse sentido que é arte do estar presente ao outro e do sentir a presença de outros. As lágrimas são eloquentes, são uma linguagem silenciosa: não são palavra mas também não são gestos, afloram dos olhos e, significativamente, escorrem

também dos olhos dos que não veem, quase a dizer que o olho, antes de ter como função a vista, tem em si a possibilidade das lágrimas.

As lágrimas não são sempre linguagem de dor ou de cólera: podem ser lágrimas de alegria, de sóbria embriaguez, de paz... Podem ser um grito, uma invocação de ajuda ou um protesto, mas também a expressão de uma alegria íntima, da ferida causada por uma presença amorosa, de uma paz - consigo próprio, com os outros, com as criaturas em redor - que nos surpreende e inebria.

Como esquecer que também Jesus chorou, revelando-nos que nele Deus conheceu os sentimentos humanos até ao pranto: chorou sobre a humanidade chorando sobre Jerusalém, chorou por amor do seu amigo Lázaro, chorou pelo próprio sofrimento e morte. A Carta aos Hebreus (5, 7-8) diz-nos também que Jesus, chorando, aprendeu a obediência

Ainda hoje, quando sinto que os meus dias se arriscam a passar "siccis oculis", então recito a oração para pedir o dom das lágrimas. E quando eclodem como pura gratuidade, deixo-as escorrer e procuro não temer se outros veem. De resto, o que veem na realidade? O que estou a viver de dor ou de alegria... Sim, quando se têm lágrimas nos olhos, o olhar é como velado mas discerne mais em profundidade: a visão é "ante et retro oculata", vê-se de frente e de trás, vê-se "diferentemente".

Um cristão, na oração dos Salmos, encontra muitas vezes as lágrimas: lágrimas que são pão que alguém come, lágrimas que Deus recolhe num odre porque não as esquece mas considera-as preciosas, lágrimas de arrependimento pelo mal feito, lágrimas de exultação que brotam como dança de alegria... E como esquecer que também Jesus chorou, revelando-nos que nele Deus conheceu os sentimentos humanos até ao pranto: chorou sobre a humanidade chorando sobre Jerusalém, chorou por amor do seu amigo Lázaro, chorou pelo próprio sofrimento e morte. A Carta aos Hebreus (5, 7-8) diz-nos também que Jesus, chorando, aprendeu a obediência...

Na viagem que fez às Filipinas, o papa Francisco encontrou uma mulher que chorava e exclamou simplesmente: «Aprendamos a chorar... se não aprenderdes a chorar, não podeis ser bons cristãos!». Cioran afirmava que «no último juízo serão pesadas apenas as lágrimas» e Camus reiterava que «nenhuma lágrima deve ser perdida, nenhuma morte deve acontecer sem uma ressurreição».

ENZO BIANCHI

In "Monastero di Bose"

http://www.snpcultura.org/elogio_das_lagrimas.html (06.03.2017)

o menino e aquele silêncio não natural após a bomba

Uma imagem vale mais do que mil palavras. Foi assim que o papa Francisco apresentou a foto do menino, à espera de entregar ao fogo o corpo do irmãozinho morto para ser transformado em cinzas.

A reportagem é de PAOLO SALOM, publicada por *Corriere della Sera*, 16-01-2018.

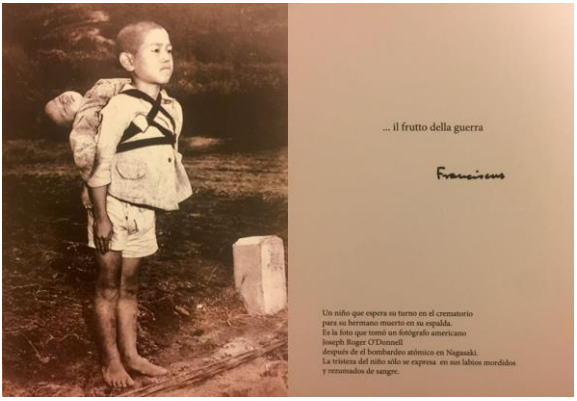
Não é esta a única fotografia a narrar a dupla tragédia de Hiroshima e Nagasaki. Naqueles dias terríveis que encerraram o verão de 1945, o Japão foi percorrido por um exército de fotógrafos e operadores de câmara que acompanhavam as tropas dos Estados Unidos.

Mas o menino de Nagasaki, cujo olhar nos interroga a todos com uma força comparável, apenas, ao seu aparente estoicismo, ressalta dos documentos da época, devido à sua extraordinária atualidade.

O autor, Joe O'Donnell (falecido em 2007), tinha apenas vinte e três anos, quando documentou o que acontecia às portas da cidade japonesa devastada pela segunda bomba atómica, no dia 9 de agosto de 1945.

"Vi um menino de cerca de dez anos", disse ele depois, "que levava às costas um menino mais pequeno, hábito muito comum nas terras do Sol Nascente, com a cabeça reclinada como se tivesse adormecido de repente. Decorridos cerca de dez minutos, homens com máscaras brancas desamarraram os laços que prendiam a criança, para pegarem nela: só então me apercebi de que ela já estava morta. O irmão ficou imóvel a observar o fogo, mordendo os lábios até fazer sangue. Depois, virou costas e afastou-se em silêncio".

Este silêncio, o silêncio não natural que se seguiu às explosões nucleares, encerrado nesta imagem, diz mais do que mil palavras…! Que seria de nós se alguém decidisse apertar o botão, por maior ou menor que ele seja!?



Cartão enviado pelo Papa Francisco (Foto: Joseph Roger O'Donnell, 1945)